

COIÓS



Dessa vez, a scena teve lugar na Confeitaria Brazil, nos baixos do sobrado em que se acha estabelecido o *Suvedrá* com um grande hotel, que tambem tem aquelle nome.

Como os *leiteiros* (quero dizer-leitores) sabem e têm visto, o Affonsinho e o Zé Moritz são dous *partidarios intransigentes* de uma das *niñas* que fazem parte do grupo de *guris* que actualmente se exhibem no ex-Santa Izabel.

Pois não lhes conto nada...

Este seu criado Mathias, que pelo nome não se perca, na tarde de um dos dias da semana que hontem desapareceu na noite dos tempos, voltava muito tranquillamente de uma excursão que fez pelos quatro cantos desta ilha dos casos raros, quando ao chegar à praça já citada vio grande *massa do povo popular* (*santo Agostinho, capitulo vi*) em frente à confeitaria.

Movido pela curiosidade e mesmo por ser tão activo como o activo *reporter do Badalo n. 1*, procurei conhecer de visu a causa daquella *pasmaceira*...

Ao approximar-mê, ouvi choro, suspiros, lamentações...

A muito custo consegui penetrar na confeitaria e fiquei estatelado, boquiaberto...

Sabem os leitores o que vi?

Vi o Affonsinho e o Zé Moritz, como uns allucinados, a fazerem declarações amorosas á uma *photographia* que, diziam os entendidos em negócios de *engrossamento*, representava a *guri* por quem elles e muitos outros bebem os ares.

Foi uma scena ridicula aquella... os espectadores riam á bandeiras despre-

gadas e os dois *coiós* envergonhados do papel tristissimo que tinham feito, deturpados de Villa Diogo apupados pela garotada que gritava-lhes:

—Estão mortos!

E de facto, a continuar aqui o grupo da *gurisada*, em breve teremos de lamentar o suicidio de algum *coiô sem sorte* que, não podendo mais supportar o fogo intenso da paixão que o devora, atirar-se-ha do trapiche municipal de cabeça para cima, com as mãos tapando os ouvidos, como faz o macaco quando cae ao rio que atravessa.

BILSTEL.

DE VIAGEM



Seguiu ante-hontem para a cidade de Lages, o *Junpaguei Saldanha*.

Dizen, que ao passar pela rua Altino Corrêa, mettido n'umas botas, de esporas, de lenço ao pescoço e de pistola e faca á cinta, alguem não o conhecendo, exclamara:

—Olha um *boer*

—Não, não é *boer*, é o Saldanha.

—O' Saldanha, pareces um *arsenal ambulante*! Onde vais armado em guerra, vestido de ponto em branco?

—Vou p'ras Lages—respondeu elle. Vou ver se arranjo um logar de professor municipal. Ando aqui á matroca e por isso mettu-se-me na *teia*, ir p'ra riba da serra.

—E fazes bem. Muito lucrará a instrução si conseguires o que desejas.

—Obrigado. Adeus.

E lá se foi o Saldanha, arrastando as esporas.

—888888—



Manhã do dia 16 de Abril

No canto do Garofallis:

—Resolveram fazer a festa do E. S. hoje, ou mudaram a capellinha?

—Não, que eu saiba. Porque perguntaram?

—Pois não vês a barraquinha armada em frente aquelle sobrado?

—Aquillo não é barraquinha. Foi a *luminaria* que emprestou os *troços* do *drum* para enfeitarem a frente do club.

—Ah!...